O chat da internet como ferramenta para o radiojornalismo participativo: uma experiência de interatividade com o uso da convergência na CBN-Diário AM de Florianópolis¹

Ângelo Augusto Ribeiro² e Eduardo Meditsch³

Universidade Federal de Santa Catarina

Resumo

Este artigo discute a interatividade na programação de rádio no contexto da convergência tecnológica, que rompe a unilateralidade do fluxo de informação do meio, e apresenta a experiência do programa *Notícia na Manhã*, da emissora CBN-Diário 740 AM de Florianópolis, com o uso do *chat* de internet como ferramenta para o jornalismo participativo ou cidadão. Conclui que o uso do *chat* traz inovações na forma de produzir jornalismo em rádio, mas a sua universalização para uma efetiva democratização da comunicação radiofônica ainda depende de vários fatores para se realizar. Este estudo é resultado parcial de pesquisa de doutorado realizada no Programa de Pós-Graduação em Engenharia e Gestão do Conhecimento da UFSC.

Palavras-chave

Radiojornalismo; Jornalismo participativo; *Chat*; Convergência; CBN-Diário

Introdução

Também para discutir a questão da interatividade, a invenção do rádio como meio de comunicação não deve ser confundida com a criação da tecnologia da transmissão sonora pelas ondas eletromagnéticas. Como instituição social, o meio rádio representa um determinado uso particular daquela tecnologia (MEDITSCH, 2001:32-4). Ao conceber o *radio music box* como forma de levar a música e a palavra às casas das pessoas, David Sarnoff fez uma opção consciente pela unilateralidade no fluxo da informação sonora,

¹ Trabalho apresentado ao NP Rádio e Mídia Sonora, do VI Encontro dos Núcleos de Pesquisa da Intercom do XXVI Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação

² Ângelo Augusto Ribeiro é jornalista, Mestre em Engenharia de Produção, Doutorando em Engenharia e Gestão do Conhecimento na UFSC e professor do Ielusc/Joinville e das Faculdades Integradas Assesc/Florianópolis.

³ Eduardo Meditsch é jornalista, doutor em Ciências da Comunicação, pesquisador do CNPq, professor e orientador no Programa de Pós-Graduação em Engenharia e Gestão do Conhecimento e Coordenador do Curso de Jornalismo na UFSC.

rompendo com a lógica bilateral do telefone e do telégrafo sem fio, que até então vinham sendo os usos experimentados comercialmente para a transmissão por ondas (CROCOMO, 2004).

Embora a idéia de Sarnoff tenha sido inicialmente mal recebida até mesmo pela empresa American Marconi, onde trabalhava (SCHIFFER, 1991:31), ela acabou por se impor e propiciar o surgimento do primeiro meio de comunicação de massa eletrônico. Isso porque o uso do fluxo de informação unilateral era uma imposição cultural no início do Século XX, e baseava-se no sucesso da imprensa, principal tecnologia intelectual conhecida até então. Tinha, no entanto, raízes bem mais ancestrais: as salas de aula e as salas de espetáculos, ambas instituições milenares, para não falar nos templos religiosos e nas sacadas dos palácios, apoiavam-se, como continuam majoritariamente a apoiar-se hoje, na comunicação de um para muitos, um sistema econômico e bastante eficaz de difusão e socialização de cultura e conhecimento.

No entanto, desde o seu início, a unilateralidade do rádio foi questionada pelos teóricos do meio. Entre todos eles, ninguém expressou esta posição com mais clareza do que Bertolt Brecht, ainda na década de 30:

(...) o rádio tem uma cara onde deveria ter duas. É um simples aparelho reproduzidor e simplesmente reparte. (...) é preciso transformar o rádio, convertê-lo de aparelho de distribuição em aparelho de comunicação. O rádio seria o mais fabuloso meio de comunicação imaginável da vida pública, um fantástico sistema de canalização. Isto é, seria se não fosse somente capaz de emitir, como também de receber; portanto, se conseguisse não apenas se fazer escutar pelo ouvinte, mas também pôr-se em comunicação com ele. A radiodifusão deveria, conseqüentemente, afastar-se dos que a abastecem e constituir os radiouvintes como abastecedores.” (BRECHT, 2005[1932]:42)

Apesar de já estar desde então delineada, a possibilidade de comunicação bilateral no rádio dependeu até o presente do desenvolvimento de tecnologias externas ao meio para se realizar. No início, a convergência se deu com o auditório e as cartas de ouvintes. Num segundo momento, foi com o telefone, o que criou um novo gênero de programas, o popular *phone-in*, e até um novo formato de programação, o *talk radio*. No radiojornalismo brasileiro, de público elitizado, a comunicação passou a privilegiar a convergência com o fax, e mais recentemente com o *e-mail*. A convergência com o celular permitiu o desenvolvimento de experiências como a do “ouvinte repórter” (PARADA, 2000:115). A tecnologia do celular para a transmissão de dados – e não

apenas de voz – do ouvinte para a emissora, propiciando vários níveis de interatividade, está sendo testado pelo DAB, o sistema de rádio digital europeu (MELO, 2004).

Mas, sem dúvida é a internet e não o rádio, enquanto meio de comunicação, que realiza de forma mais completa a utopia de Brecht neste início de Século XXI. O rádio sempre teve uma limitação para realizá-la de forma cabal. Sua possibilidade de superar o padrão broadcasting (um para muitos) por uma produção e emissão por muitos é bastante limitada do ponto de vista lógico. Interagir na programação que recebe é uma possibilidade aberta para o ouvinte na rádio digital, embora o uso deste recurso ainda esteja sendo experimentado nos países que estão com a implantação desta tecnologia mais avançada (MELO, 2004). Participar da programação dos outros ou de todo o público é bem mais complicado. O público pode ser de milhões: como incorporar a interação mesmo de uma ínfima parcela dele, que pode ser de milhares, num fluxo sonoro único? A possibilidade de participação, como a que já existe no rádio analógico, será sempre muito mais simbólica - possibilidade virtual - do que efetiva - possibilidade atual - para a maior parte dos ouvintes.

No entanto, a cultura participativa da internet não deixa o velho radiojornalismo e suas práticas tradicionais incólumes, e força novas formas de intervenção do público. O profissional Milton Jung testemunha este momento em seu livro sobre o jornalismo de rádio:

“O rádio, interativo de nascença, fortalece a relação com o público. O âncora apresenta o programa diante do correio eletrônico, aberto às mensagens e interferências dos ouvintes, quase que imediatas. A entrevista mal começa e já chega a primeira pergunta do ouvinte. O entrevistado escorrega, e vem a crítica. O apresentador se engana, e a correção aparece. E assim, internauta ou ouvinte, conectado à internet, transforma-se em protagonista.” (JUNG, 2004:68)

Da mesma forma, a pesquisadora María del Pilar Martínez-Costa registra que o cenário da comunicação radiofônica se caracteriza na atualidade pela necessidade de responder “a uma anunciada, mas ainda não assumida ruptura dos processos tradicionais”. Entre as mudanças que constata inclui a “do planejamento dos conteúdos produzido pela multiplicidade da oferta, a sinergia entre os diferentes suportes e as novas demandas da audiência” e ainda a mudança “no modelo de consumo, produto da modificação dos comportamentos sociais e da implantação das tecnologias interativas” (MARTINEZ-COSTA, 2004:320).

A possibilidade do público participar ativamente na produção de conteúdo de sites jornalísticos, ou mesmo de meios de comunicação não digitais tais como rádio, jornal e televisão é a base do “jornalismo cidadão”, ou jornalismo participativo. Outing (2005) ressalta que a definição desta tendência recente do jornalismo ainda gera muita confusão entre jornalistas e empresas jornalísticas, bem como entre pesquisadores, principalmente porque são inúmeras as formas do público participar da produção de conteúdo. Assim como é grande, ainda segundo o autor, o ceticismo que cerca essas possibilidades, por parte, é claro, dos jornalistas profissionais.

Em virtude disso, apesar de suas potencialidades, o uso da interatividade digital no radiojornalismo é uma experiência recente. Em sua pesquisa realizada nas emissoras Bandeirantes e Jovem Pan em meados de 2003, Nélia Del Bianco registrava:

“Outro aspecto que ainda tem exploração tímida são as ferramentas de interação. Muitas vezes, interatividade fica limitada à reação do usuário à máquina, como participar de enquetes. Raramente o leitor é convidado a interferir no conteúdo produzido pelo site. E mesmo quando envia e-mails, comentando notícias publicadas, raramente esse conteúdo é disponibilizado ou incorporado às notícias produzidas pelo site. Dessa forma, a essência da interatividade na Internet acaba sendo mais uma possibilidade do que uma realidade experimentada.” (DEL BIANCO, 2004:121)

Já nas redações de sites jornalísticos originados exclusivamente na internet, e não a partir de versões digitais de mídia analógica, a aceitação da participação do público, ou usuário, é maior. Os jornalistas, nestes casos, são mais receptivos à produção compartilhada de conteúdo, ou mesmo à fiscalização e monitoramento dos consumidores de notícias (TRENCH & QUINN, 2003). Isto deve-se, provavelmente, à atenção com o usuário da internet, naturalmente um consumidor mais ativo, já acostumado a interagir com o conteúdo. Em pesquisa realizada com emissoras online do Brasil, Peru e Espanha, também em meados de 2003, Raquel Porto Alegre Alves registrou que todas utilizavam ferramentas de interatividade (ALVES, 2004).

É importante destacar que interatividade e participação, apesar de estarem diretamente associadas, não são sinônimos. A participação do público na produção e emissão de conteúdo se dá, geralmente, através de ferramentas interativas – analógicas ou digitais. Mas nem sempre o uso dessas ferramentas gera um conteúdo novo, com grau

significativo de autoria do usuário (ou receptor), requisito necessário para considerá-lo resultado de uma produção compartilhada, ou participativa (RIBEIRO, 2006).

Neste trabalho, apresentaremos a experiência do programa *Notícias da Manhã*, da Rádio CBN/Diário AM de Florianópolis, que incorporou o *chat* ao processo de produção de conteúdo e abriu, assim, um novo canal de acesso do público à programação, transformando o ouvinte – chamado de “ouvinternauta” pelo âncora do programa – em parceiro na condução do programa. Um exemplo de radiojornalismo participativo, com o aproveitamento da convergência com a internet.

É uma experiência ainda rara o uso do *chat* como ferramenta na produção do radiojornalismo, tanto nas emissoras brasileiras em geral como na própria Rede CBN, onde predomina ainda o uso do *e-mail* para dar vazão à interatividade na programação nacional, como ocorre em seus programas de esportes. Em emissoras alternativas online, como a www.radio.ufsc.br, produzida por jovens universitários, o *Windows Messenger* é a ferramenta mais utilizada. Há registro de uso de *chats* em emissoras de outros países, como na Radio Cable espanhola (ALVES, 2004:105) e estudos recentes sobre a sua utilização em FMs musicais no Brasil (LILJA, 2005), mas são mais raras as referências sobre a sua presença no radiojornalismo até a presente data.

O programa *Notícias da Manhã* da Rádio CBN/Diário de Florianópolis

O *Notícias da Manhã* é transmitido de segunda a sexta-feira, das 9 horas às 11h30min dentro da programação local da rádio CBN/Diário, 740 Khz em Florianópolis. A emissora pertence ao Grupo RBS e é afiliada da Rede CBN, retransmitindo a programação nacional durante boa parte do dia.

O programa *Notícias da Manhã* é ancorado pelo radialista Mário Motta, com o suporte de um produtor/repórter na redação e dois repórteres de externa. Até o início de 2006, a pauta do programa era definida no dia anterior, com um roteiro antecipado e entrevistas previamente agendadas. A partir de janeiro de 2006, o roteiro do programa passou a ser feito no mesmo dia de veiculação e é responsabilidade do produtor/repórter Antônio Neto que marca entrevistas, produz matérias e grava reportagens na redação, por telefone. Os repórteres de externa seguem uma pauta previamente definida ou são

encaminhados diretamente aos locais dos fatos, sejam eles previamente marcados ou mesmo notícias de última hora.

Formalmente, o papel do âncora, no programa, é o de entrevistador e de apresentador dos quadros fixos e notícias elaboradas na redação ou pela reportagem. O programa é interrompido por quatro edições do Repórter CBN, boletim de notícias produzido pela CBN de São Paulo e veiculado em rede nacional a cada meia hora. Informalmente, o *Notícias da Manhã* conta com a colaboração de uma equipe de ouvintes que utilizam o *chat* para participar de forma ativa no programa, interferindo diretamente no resultado final como pretendemos demonstrar a seguir.

O *chat* da CBN/Diário é uma ferramenta disponível ao internauta do portal ClicRbs (www.clicrbs.com.br) desde que o site foi criado. Originalmente, a sala virtual de bate-papo foi oferecida apenas como mais um recurso de interatividade do portal, mas logo os usuários perceberam o potencial de participação e interferência na programação da rádio que a ferramenta poderia oferecer. Hoje, o *chat* permanece disponível 24 horas por dia, mas a sala praticamente só é visitada nos horários de programação local e o pico se apresenta justamente durante a transmissão do *Notícias da Manhã*, quando a interatividade entre o âncora do programa e os frequentadores da sala é maior. O recurso não costuma ser utilizado ainda pelos apresentadores dos outros programas da emissora. O termo “ouvinternauta” é a expressão utilizada pelo apresentador para se referir, ou se dirigir diretamente aos ouvintes da rádio que acompanham o programa pela internet e participam do *chat*.

Para compreender o processo de participação do público através do *chat*, a transmissão do programa foi acompanhada em dias escolhidos aleatoriamente, no período entre março e maio de 2006. Simultaneamente, a sala de “bate-papo” virtual era observada para o registro e interpretação das mensagens trocadas entre os visitantes e entre os visitantes e o âncora do programa. Paralelamente a isso, no mesmo período, foram feitas entrevistas com o radialista Mário Motta, pessoalmente, e com cinco participantes frequentes do *chat*, contatados por *e-mail*⁴. Também serviu de base para a

⁴ Os frequentadores do *chat* que colaboraram com a pesquisa também foram escolhidos de forma aleatória, a partir de um convite feito na própria sala de “bate-papo”. Dos seis que se mostraram interessados em colaborar, cinco efetivamente responderam ao questionário enviado por correio eletrônico.

pesquisa parte do acervo pessoal de Mário Motta, que mantém em arquivo digital cópias, em texto, dos *chats* dos últimos três anos.

O relacionamento entre apresentador e “ouvinternautas”

O radialista Mário Motta tem 54 anos e trabalha em rádio desde os 12 anos de idade, exercendo funções como repórter e apresentador. Na entrevista, realizada no dia 13 de abril, ele explicou como o *chat* da CBN foi transformando-se, aos poucos, em uma ferramenta de participação cidadã no programa *Notícias da Manhã*. Motta conta que o processo foi amadurecendo à medida que ele mesmo adquiria confiança na idoneidade das informações e observações publicadas pelos internautas no *chat*.

Segundo o radialista, na fase inicial, o *chat* era usado como uma forma de relacionamento apenas entre os visitantes, que ocupavam a sala para tentar contatos pessoais com outras pessoas, de forma anônima e à distância, como ocorre normalmente em salas de “bate-papo” virtual. A mudança de postura dos usuários começou a partir do momento em que surgiram, naturalmente, visitantes interessados em debater assuntos que estavam sendo tratados em tempo real pelo programa. Nesta etapa, Motta explica que começou a interagir com os visitantes que se mostravam mais interessados nos assuntos em pauta no *Notícias da Manhã*. “Hoje, de 80 a 90% dos assuntos debatidos no chat estão relacionados com o programa”, avalia o apresentador.

O acesso do público à produção de conteúdo do programa foi ampliado, mas ainda passa por uma seleção dos assuntos e checagem rigorosa das informações: “eu faço um filtro das informações”, esclarece o radialista. As sugestões, perguntas e observações dos visitantes passaram a ser conferidas, ou pela produção do programa, ou pelo próprio âncora, que costuma usar a internet simultaneamente à apresentação para pesquisar sobre os assuntos em debate e completar as informações da pauta. Os usuários que ouviam suas observações no ar, ao passarem a ser citados durante o programa, começaram a participar do *chat* com maior frequência: “a partir do momento em que ele percebe que pode contribuir, ele retorna”, explica Mário Motta.

Hoje, há pelo menos 15 participantes efetivos do *chat* que freqüentam quase diariamente a sala. O grupo, de acordo com Mário Motta, compartilha com ele a tarefa de

monitorar a sala e intermediar os debates paralelos que ocorrem no *chat* simultaneamente à transmissão do *Notícias da Manhã*: “em alguns casos chega a ser um outro programa, na sala de ‘bate-papo’”. Essa intermediação, exercida tanto pelos “ouvinternautas”, quanto pelo apresentador, vai desde instruções básicas de como usar as ferramentas adequadas para conversar no *chat*, até uma interferência mais enérgica para “manter o nível da discussão”, já que, em muitos casos, participantes com idéias opostas perdem a “compostura” no espaço virtual.

Esta mediação exige do apresentador habilidades diferentes daquelas em que um programa de rádio se utiliza dos meios convencionais de participação popular, como o telefone, cartas ou mesmo o *e-mail*. Mário Motta confessa que a tarefa não é fácil e que em algumas ocasiões já chegou a interferir na transmissão do programa. Ele explica que, ao mesmo tempo em que está fazendo uma entrevista com um convidado, no estúdio ou por telefone, muitas vezes mantém uma conversação em paralelo com os participantes do *chat* atento a qualquer contribuição, ou mesmo um retorno imediato da percepção do público em relação ao tema da entrevista: “já ocorreu de me distrair da entrevista, tamanho o envolvimento com o *chat* em torno do assunto que estava sendo tratado, o que provocou alguns segundos de silêncio no ar”. A interação com o público no *chat* trouxe uma nova função e alterou a rotina do apresentador que agora precisa controlar um elemento a mais, a sala virtual. “Chego a fazer pelo menos três coisas ao mesmo tempo: controle dos microfones, presto atenção na entrevista, e teço no computador para atender aos participantes do *chat*. Não é um trabalho fácil, exige muito”.

A própria sala de bate-papo tornou-se um espaço que necessita de uma dedicação especial, por parte do mediador. Motta explica que a participação é proporcional à atenção com que ele trata o “ouvinternauta”: “Muitas vezes preciso esclarecer ao participante sobre questões da profissão (do jornalismo), dar o retorno imediato para dizer por que tal assunto não é tratado”.

Motta compara a participação dos “ouvinternautas” à função exercida normalmente pelo produtor do programa, de “ponto eletrônico”. Aqui deve-se destacar que a estrutura do *Notícias da Manhã* não conta com um profissional que exerça as funções de diretor do programa. Neste sentido, Mário Motta salienta a importância dos visitantes do *chat* que, segundo ele, atuam como um apoio à produção ajudando a

resgatar informações, sugerem perguntas, ajudam a questionar os entrevistados e até corrigem notícias veiculadas no dia ou em edições anteriores.

A maior diferença entre o *chat* e as outras formas de participação que o público dispõe para tentar interferir na programação de uma emissora de rádio, no entender de Motta, é a velocidade de resposta e a agilidade exigida do apresentador. Ele lembra que o público pode participar por telefone, ou mesmo carta, da produção de um programa, mas, nos dois casos, a resposta da emissora é lenta, e, no caso do telefone, arriscada. Motta explica que, se o ouvinte quer participar por telefone, deve primeiramente ser atendido por um produtor, que pede o número do telefone e a sua identificação. Em seguida, a produção retorna a ligação para conferir os dados, como forma de evitar o trote ou qualquer outro tipo de manifestação que ponha em risco a qualidade e credibilidade da programação. Com o *chat*, segundo Motta, a checagem ocorre on-line e simultaneamente o que permite ao apresentador tornar pública a manifestação do ouvinte em poucos minutos, sem o risco de imprevistos. Segundo Mário Motta, freqüentemente a pauta surge das conversas registradas no *chat* e a partir da interferência direta dos “ouvinternautas”. É comum a marcação de entrevistas, a partir das 10h30min, ou uma hora e meia após o início do programa, a partir das sugestões dos participantes do *chat*

A relação dos “ouvinternautas” com o Programa *Notícias da Manhã*

Um grupo de participantes freqüentes do *chat* da rádio CBN/Diário foi contatado por correio eletrônico, no dia 14 de abril de 2006, para participar desta pesquisa, em convite feito diretamente na sala virtual. Dos seis “ouvinternautas” que enviaram os endereços eletrônicos para o envio do questionário, cinco efetivamente retornaram as mensagens com o questionário respondido. As perguntas foram elaboradas de maneira a oferecerem pouca dificuldade de respostas e exigirem pouco tempo para o preenchimento do questionário.

Os “ouvinternautas” se identificaram com os nomes verdadeiros, com exceção de um, mas as identidades vão ser mantidas em sigilo, neste trabalho, conforme o acordo feito com os participantes da pesquisa. Entre eles, apenas um é profissional de

comunicação, mas não jornalista – é um publicitário. Os outros são dois analistas de sistemas, um agrônomo e um técnico em informática.

Os cinco freqüentadores do *chat* que responderam ao questionário participam do programa na sala virtual pelo menos duas vezes por semana. Três afirmaram que conseguem, através do *chat*, comentar os assuntos debatidos no programa e levar ao ar, na rádio suas opiniões, além de sugerir pautas e assuntos à produção. Três declararam que participam efetivamente do programa que vai ao ar, na rádio, usando o *chat*. Três afirmaram que já tiveram uma pergunta encaminhada através do *chat* respondida no programa e dois conseguiram que fosse divulgada a sua opinião sobre o assunto debatido. Um respondeu que já conseguiu fazer a equipe da rádio abordar um tema ou assunto que ele sugeriu.

No questionário, foram descritas as funções básicas exercidas por jornalistas ou radialistas profissionais para a produção de um programa como o *Notícias da Manhã*. Os participantes deveriam assinalar uma ou mais funções com as quais mais se identificavam como freqüentadores do *chat*. As respostas refletem a idéia que cada um dos “ouvinternautas” faz de sua própria participação na produção do programa e do envolvimento que eles consideram ter com o *Notícias da Manhã*. Registre-se que poderiam ser escolhidas mais de uma função.

Quatro afirmaram que já exerceram pelo menos uma vez a função de pauteiro/produtor, segundo a seguinte descrição: “o profissional que exerce esta função é responsável por sugerir assuntos e temas que devem ser abordados no programa; ele indica as fontes e os locais onde o repórter e/ou apresentador pode encontrar as informações que vão ao ar; ele marca entrevista e agenda contatos; levanta informações que ajudam o repórter e/ou apresentador a abordar os assuntos previstos no programa.”

Três consideraram que já atuaram, ou atuam, como repórter, de acordo com a descrição a seguir, a do profissional que “vai ao local do fato e levanta informações; conta o que vê no local dos acontecimentos; levanta informações sobre os fatos por telefone, ou pessoalmente; investiga os assuntos e fatos; entrevista as pessoas envolvidas nos fatos; informa o público.”

Nenhum dos participantes escolheu a terceira alternativa: “Editor/redator: responsável pela seleção das informações que serão utilizadas na redação das notícias;

redige notícias e perguntas para a leitura do apresentador; filtra e confere as informações e notícias; corrige o texto e as informações antes e até mesmo depois da divulgação.”

Um observou que se sente como parte da equipe de produção do programa. Um opinou que o *chat* como canal de participação está diretamente relacionado à capacidade de intermediação do apresentador do programa. Em geral, a análise das respostas indica que todos os participantes sentem-se envolvidos com a produção do programa e consideram-se atuantes, com possibilidades reais de intervenção no conteúdo. As respostas também deixam claro que, em pelo menos uma ocasião, todos já interferiram diretamente no conteúdo que foi ao ar no *Notícias da Manhã*.

Dois casos de jornalismo cidadão através do *chat* CBN/Diário

Nesta seção apresentaremos dois casos em que o *chat* da CBN/Diário foi utilizado pelos usuários para interferir diretamente na produção do programa *Notícias da Manhã*. Na primeira situação, um participante apresentou um assunto que não era do conhecimento da produção do programa, sugeriu a pauta e provocou o contato com a autoridade responsável pelo problema, o que resultou em uma entrevista que foi ao ar no dia seguinte. No segundo caso, o ouvinte forneceu informações através do *chat* e acabou sendo um dos entrevistados do programa, levando ao ar informações relevantes para o público da rádio.

Nos dois casos, cidadãos que normalmente não teriam acesso à produção desempenharam funções restritas a jornalistas profissionais – como pauteiro e como repórter – exemplos típicos de jornalismo cidadão, ou participativo conforme Bouman & Willis (2003: 9):

“Jornalismo participativo: é o ato de um cidadão ou grupo de cidadãos que desempenham um papel ativo no processo de coletar, reportar, analisar e disseminar informação. A intenção dessa participação é fornecer a informação independente, confiável, exata, ampla e relevante que a democracia requer.”

No primeiro caso, o deputado federal Fernando Agostini *Coruja* (PPS-SC) foi entrevistado no programa *Notícias da Manhã* por iniciativa de um ouvinte. O deputado era o relator de um Projeto de Lei que previa a distribuição gratuita de *kits* de

exame de sangue para a medição dos níveis de glicose a pacientes diabéticos. A entrevista foi produzida após o contato de um morador de São Paulo, portador da doença, que tentava localizar o deputado e, através da internet, acabou acessando o *chat* da CBN/Diário.

De acordo com o apresentador Mário Motta, o morador de São Paulo, queria localizar o deputado para tentar convencê-lo a mudar o seu voto como relator do projeto. O deputado, segundo notícias da imprensa, iria dar um parecer contrário à aprovação da lei. João Paulo de Almeida, chegou ao *chat* da CBN/Diário durante as buscas que fazia em sites por contatos e informações sobre o deputado catarinense. No *chat* da emissora, João Paulo apresentou o problema aos outros participantes da sala e ao apresentador, que se prontificou a entrar em contato com o deputado por considerar o assunto relevante. A entrevista aconteceu no dia seguinte e João Paulo, que já havia atuado como pauteiro na véspera, também apresentou perguntas, mais uma vez como participante do *chat*. Durante a entrevista, o deputado anunciou que mudaria o seu voto.

No dia 15 de maio de 2006, as manchetes de todos os jornais do Brasil, assim como as chamadas dos *sites* de notícias na internet, dos programas de rádio e de televisão, destacavam a onda de ataques contra forças policiais de São Paulo e rebeliões em estabelecimentos penais daquele estado, do Paraná e do Mato Grosso do Sul. O assunto, devido ao ineditismo, dimensão e relevância acabou sendo tema, também, do programa *Notícias da Manhã*, apesar de sua temática ser voltada ao morador da Grande Florianópolis.

A entrevista de abertura foi com o secretário de Justiça e Cidadania de Santa Catarina Djair Vicente Pinto. Em Bariri, no interior de São Paulo, o técnico em informática Hodom Alexandre Pamplona César, de 36 anos, morador de Florianópolis que havia viajado para aquela cidade, acompanhava a programação da CBN/Diário pela internet. Como participante rotineiro do *chat*, ele comentou com “os colegas” as dificuldades em retornar para Florianópolis de carro, devido à falta de segurança.

O assunto despertou a atenção do *chat* e da produção do programa, que entrou em contato telefônico com o “ouvinternauta” que passou a relatar, com a visão de um morador da capital catarinense, a situação no estado paulista. A participação do cidadão tornou-se um dos principais temas daquela edição do *Notícias da Manhã*.

Nos dois casos, assim como pelos depoimentos do apresentador do programa Notícias da Manhã e dos participantes do *chat*, fica evidente uma nova forma de relacionamento entre o público e um meio tradicional de comunicação de massa – o rádio – com o auxílio de uma ferramenta proporcionada por uma nova mídia – a internet. Esta mudança é típica de um novo ecossistema de mídia convergente, em que os receptores, ou consumidores de conteúdo, passam a atuar de forma colaborativa, ou participativa, com os produtores:

“O que está emergindo é um novo ecossistema de meios onde as comunidades on-line discutem e ampliam as matérias criadas pelos meios tradicionais. Estas comunidades também produzem jornalismo participativo, reportagem local, reportagem inovadora, ligações e verificações de fatos, que os meios tradicionais aproveitam como fontes e idéias para fazer matérias.” (BOUMAN & WILLIS: 2003, p. 13):

Conclusões

O uso do *chat* no programa *Notícias da Manhã* da CBN/Diário está demonstrando ser uma ferramenta ágil e suficiente para provocar uma mudança significativa nos processos de produção de notícias em um veículo tradicional de comunicação de massa como o rádio. Embora a internet ainda seja uma mídia de acesso restrito, nas mãos de uma pequena parcela da audiência, o *chat* ampliou o número de pessoas envolvidas na elaboração do programa.

A dinâmica de uma sala virtual de “bate-papo” tem alguma semelhança com processos consagrados de produção de notícias dentro de uma redação profissional, como as reuniões de pauta: as discussões de temas relevantes do momento, troca de idéias e de informações, o debate. A vantagem em relação às reuniões fechadas em redações, é a participação de pessoas com experiências de vida, percepções e redes de relacionamentos diversificadas e imersas na realidade do público receptor da notícia.

O *chat* também se transformou em um canal de retorno imediato para o apresentador e a produção do programa, que muitas vezes resolvem alterar o andamento do *Notícias da Manhã* para atender às demandas originadas na sala virtual. A interferência é tal que alguns dos frequentadores sentem-se “parte da equipe”, como registraram nas respostas ao questionário enviado aos “ouvinternautas”.

Os dois casos apresentados neste trabalho são apenas alguns exemplos de um tipo de interferência do público na programação que acontece com uma frequência cada vez mais comum no programa estudado, a tal ponto de já ser considerado como parte do processo de produção do *Notícias da Manhã*.

Em relação a outras ferramentas da internet que têm sido utilizadas para propiciar interatividade nas emissoras de rádio, observa-se que o *chat* tem a vantagem sobre o *e-mail* por ser uma conversação em tempo real, e a vantagem sobre o *Messenger* de exigir um credenciamento prévio controlado pela própria emissora, o que aumenta o seu nível de segurança para a participação na programação ao vivo.

Novos estudos são indicados, principalmente para avaliar a intensidade da interferência do público no programa através do *chat* e o impacto desta participação na rotina de produção e no conteúdo do programa, de forma a medir o seu real potencial de democratização da mídia. O jornalismo cidadão não depende apenas das possibilidades tecnológicas, mas também de um ambiente político, econômico e organizacional favorável para prosperar.

Outro aspecto importante de estudar são as necessidades específicas de adaptação e capacitação dos profissionais para trabalharem em parceria com público neste novo ambiente de convergência. O fato de apenas um programa da emissora – e por iniciativa pessoal de seu âncora – estar utilizando este recurso sugere que a adaptação da cultura e dos hábitos profissionais não é automática nem muito fácil.

Mas fica já evidente, apesar das limitações desta pesquisa, que o uso do *chat* como ferramenta de interatividade no radiojornalismo, como observado no caso específico do *Notícias da Manhã* da CBN/Diário de Florianópolis, tem um grande potencial de utilização para a participação do público na construção do conteúdo.

Bibliografia:

ALVES, Raquel Porto Alegre dos Santos. O Radiojornalismo nas Redes Digitais. Dissertação de Mestrado. Salvador, PPGCC-UFBA, 2004

BOWMAN, Shayne; WILLIS, Cris. Nosotros, el medio – como las audiencias están modelando el futuro de la noticias y la información. The Media Center at The American Press Institute.

Stanford, California, USA: 2003. On-line, disponível em <http://www.hypergene.net/wemedia/espanol.php>

BRECHT, Bertolt. Teorias do Rádio (1927-1932). Tradução de Regina Carvalho e Valci Zuculoto. In MEDITSCH, Eduardo (org.) *Teorias do Rádio: textos e contextos*. Vol. I. p. 35-45. Florianópolis/São Paulo, Insular/Posjor UFSC/Intercom, 2005

CROCOMO, Fernando. TV Digital e produção interativa: a comunidade recebe e manda notícias. Tese de Doutorado em Engenharia de Produção. Florianópolis, PPGEPS-UFSC, 2004

DEL BIANCO, Nélia Rodrigues. Radiojornalismo em Mutação. Tese de Doutorado em Ciências da Comunicação. São Paulo, ECA-Usp, 2004

JUNG, Milton. *Jornalismo de Rádio*. São Paulo, Contexto, 2004

LILJA, Rafael. Estudo de caso da Rádio Pop Rock: usos e efeitos das novas tecnologias de interatividade. Trabalho apresentado no Intercom Júnior, evento do XXVIII Congresso Brasileiro de Ciências de Comunicação. Rio de Janeiro, Intercom, 2005. On-line, disponível em <http://reposcom.portcom.intercom.org.br/bitstream/1904/17185/1/R0202-1.pdf>

MARTINEZ-COSTA, Maria del Pilar. Tendências de la Programación. In MARTINEZ-COSTA, M.P.; MORENO MORENO, E. (coords.) *Programación Radiofónica: arte y técnica del diálogo entre la radio y su audiencia*. Barcelona, Ariel, 2004

MEDITSCH, Eduardo. *O Rádio na Era da Informação*. Florianópolis, Insular/Edufsc, 2001

MELO, Rui de. UMTS, DAB e DVB – perspectivas em aberto. Revista da Faculdade de Ciências Humanas e Sociais da Universidade Fernando Pessoa, n. 2. Porto, UFP, 2004

OUTING, Steve. The 11 Layers of Citizen Journalism. Poynter Institute, on-line. Publicado em 13 jun. 2005. Disponível em http://www.poynter.org/content/content_view.asp?id=83126

PARADA, Marcelo. *Rádio, 24 horas de Jornalismo*. São Paulo, Panda Books, 2000

RIBEIRO, Ângelo Augusto. O usuário da TV Digital Interativa e o novo perfil do jornalista de televisão: preparando-se para o diálogo com o teleparticipador. Anais do VII Simpósio Regional da Intercom. Curitiba, 2006.

SCHIFFER, Michael Brian. *The Portable Radio in American Life*. Tucson, The University of Arizona Press, 1991

TRENCH, Brian; QUINN, Gary. Online news and changing models of journalism. Dublin, Irlanda: Irish Communications Review. Vol. 9, 2003. On-line. Disponível em: http://www.icr.dit.ie/volume9/articles/Trench_and_Quinn.pdf acessado em 10 jun. 2005.